

Programa REVIVE

FORTE DE AVEIRO

Carlos Caetano (IHA-FCSH-UNL)

O chamado *Forte de Aveiro* fica localizado no extremo Norte da freguesia da Gafanha da Nazaré, no concelho de Ílhavo, face à famosa Barra de Aveiro. Por isso, este forte foi tradicionalmente também conhecido por *Forte da Barra* e outrora por *Forte* ou *Castelo da Gafanha* e sobretudo por *Forte Novo*, para o distingui de um *Forte Velho*,



localizado nas suas proximidades, mas demolido na segunda metade do século XVIII.

Fig.^a 1 – Vista aérea do Forte de Aveiro ou da Barra (Gafanha da Nazaré); Fonte: Google Earth; consultada em Dezembro de 2017; adaptado, assinalando-se a frente abaluartada.

A presença sucessiva de um *Forte Velho* e um *Forte Novo* erguidos na Época Moderna para defender o mesmo território foi devida às intensas transformações geográficas que originaram a Ria de Aveiro. A formação da Ria remonta aos séculos XIV e XV e resultou do cerco progressivo das águas da embocadura do Vouga e dos rios contíguos por uma língua gigantesca de areias costeiras. A Ria cresceu e desenvolveu-se de Norte para Sul, começando em Ovar para chegar às proximidades de Mira, a Sul, em meados do século XVIII, ganhando então a sua extensão máxima, de c. de 45Km. Durante este processo, a *barra*, isto é, a ligação deste grande canal interior, assim

represado, com o Oceano, deslocou-se sempre para Sul e em 1757 ficou completamente bloqueada. A ria transformou-se então numa laguna assoreada e inóspita que provocou a ruína e a decadência de Aveiro e suscitou a intervenção imediata do Governo do Reino visando a abertura de uma Barra artificial, projecto de engenharia complexíssimo em que intervieram nomes como Carlos Mardel (projecto de 1756 ou 1757) ou Guilherme Elsdon (projecto de 1778), entre tantos outros. A Barra só seria aberta em 1808, mediante projectos (1802) de Reinaldo Oudinot e de Luís Gomes de Carvalho, seu genro, que dirigiria a fase principal dos trabalhos.

É este o cenário particularmente complexo e movediço que está por detrás dos *dois* fortes da Barra de Aveiro, fortificando sucessivamente dois pontos distintos, distantes entre si c. 10^{Km}, a ilha da Mó do Meio (a Norte) e o sítio da Vagueira (a Sul), que uma tradição tardia designará de *Forte Novo* e *Forte Velho*, respectivamente. O primeiro destes dois Fortes, o da ilha da Mó do Meio, embora nunca concluído, foi o único que chegou até nós e é o objecto do presente estudo. Com efeito, deve notar-se que, ignorado pelos historiadores, nomeadamente de arte, este é talvez o monumento menos conhecido da nossa arquitectura militar abaluartada. Este Forte remonta provavelmente a meados ou à segunda metade do século XVI - proposta de datação seguida por eruditos locais do século XIX e pelo historiador de Arquitectura Militar Carlos Calixto, já no nosso tempo (Calixto: *apud* Cirino: 2013, p. 187). Esta datação tão remota decorre da conhecida política de fortificação de pontos estratégicos do Litoral do Reino, levada a cabo por D. João III a partir de 1566 (Barroca: 2001, p. 10), mas também da localização muito provável da barra no alinhamento da ilha da Mó do Meio naquele momento histórico. A ilha seria então considerada apta para ser a base de um Forte de grandes dimensões. O assoreamento constante e cada vez mais acelerado da Ria depressa tornou o forte inoperacional ainda na fase de construção. Por isso, as obras seriam suspensas ainda nos fins do século XVI, como pensamos.

Em 1643, no contexto defensivo da Restauração de 1640, foi construído o Forte da Vagueira (“Forte Velho”), no sítio onde se abria a barra nessa época, muito mais a Sul, como vimos. O progressivo fechamento da Barra tornaria também este forte inoperacional pelo que seria demolido na segunda metade do século XVIII, aproveitando-

se os respectivos materiais nas obras de construção de uma barra provisória, em 1778, no sítio da Vagueira.

Uma *vista* ingénuo de 1764, de um desenhador amador, Jacob Henrique Severim, cônsul da Holanda em Aveiro, mostra a Ria e os dois fortes, aí identificados já com a designação tradicional: Forte Novo (Mó do Meio) e Forte Velho (Vagueira). Segundo o desenho, ambas as estruturas respeitavam os princípios da arquitectura militar abaluartada.

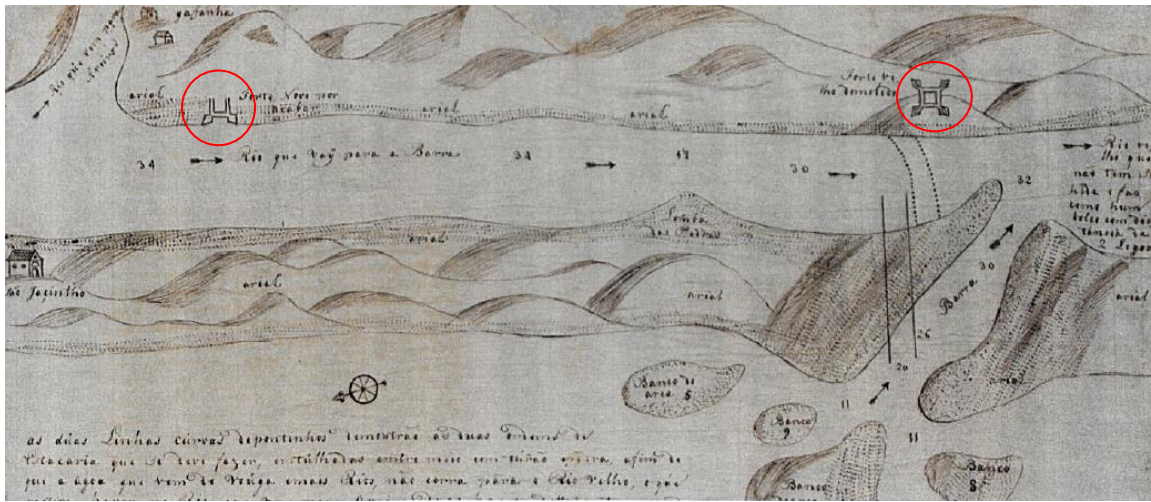


Fig. 2 - *Vista da Ria de Aveiro*, desenho de Jacob Henrique Severim, cônsul da Holanda em Aveiro, 1764 (Amorim: 2008, p. 47). À esquerda nota-se a frente abaluartada do “Forte Novo”; à direita o “Forte Velho demolido”; adaptado.

A planta mais antiga que conhecemos do Forte Novo remonta a 1778 e consta de uma vinheta que integra o “Mapa Topografico da Barra da Cidade de Aveiro...”, de Elsdén:

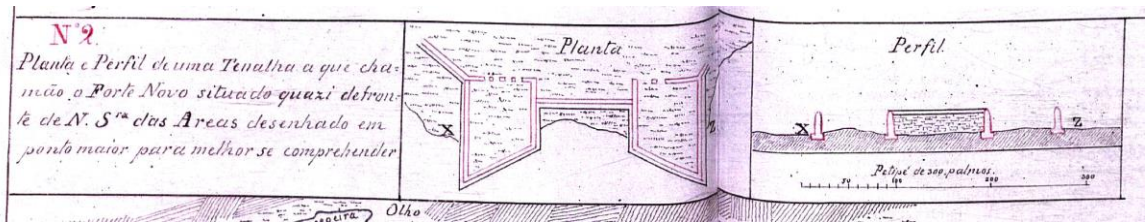


Fig.ª 3 – “Planta e Perfil de uma Tenalha, a que chamam o Forte Novo, situado quasi defronte de N. S.ª das Arêas, desenhado em ponto maior p.ª melhor se comprehender” constante do “Mapa Topografico da Barra da Cidade de Aveiro, ...1778” (Amorim e Garcia: 2008, p. 55).

Construído ao rés-da-água, em 1778 permanecia em fase de construção. Constava essencialmente de uma amplíssima frente abaluartada de grande envergadura, constituída por dois meios-baluartes interligados por uma cortina intermédia, estando o conjunto desprovido de quaisquer outras marcas da arquitectura abaluartada.

As obras da Barra suscitarão a sua conclusão parcial nos anos mais próximos de 1800 (provavelmente c. 1802, quando as obras da barra recomeçam) visando a sua utilização enquanto aquartelamento de uma pequena guarnição militar, mas sobretudo como plataforma de rectaguarda das mesmas obras e seus agentes: armazenamento de materiais de construção e alojamento de operários, pilotos, marinheiros e outros oficiais afectos àquelas obras. De 1819 é a “Planta baixa do Forte dito da Gafanha...”, que ilustra bem os trabalhos então empreendidos, que testemunhos oitocentistas muito credíveis atribuem ao arquitecto e engenheiro Reinaldo Oudinot.

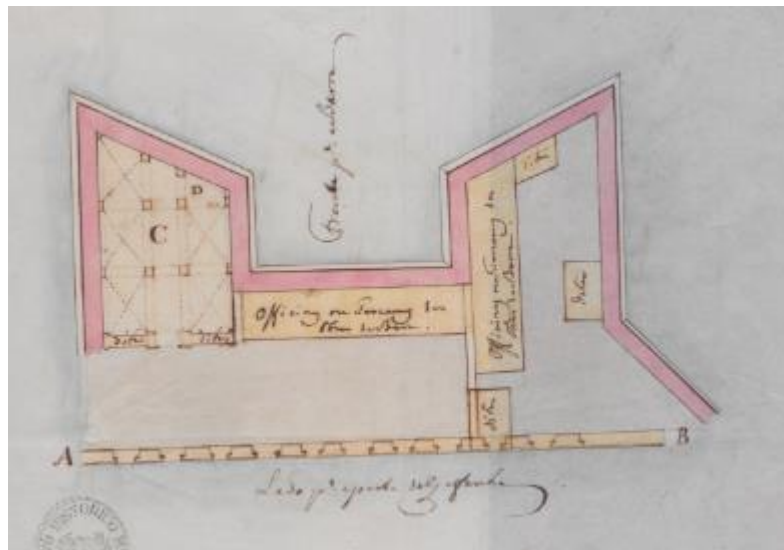


Fig.ª 4 - “Planta baixa do Forte dito da Gafanha, com as Terceiras e barracões dos operários, e utensílios das Reais Obras da Barra d’Aveiro e quartéis dos Pilotos”; Aveiro, 22-11-1819 (PT/AHM/DIV/3/50/23/14; doc. a).

Como vemos, a intervenção afectou apenas o Baluarte Sul, remodelado de acordo com a composição típica da arquitectura abaluartada. O baluarte foi então abobadado, de modo a constituir três naves paralelas, orientadas no sentido Leste-Oeste. O terraplino superior seria destinado à colocação de peças de artilharia, pelo que o flanco ocidental do Forte passou a dispor de três amplíssimas *canhoneiras* superiores. Estas, rasgadas no *parapeito superior* deste corpo do Forte, apoiam-se sobre o típico *cordão* horizontal que

intermedeia o plano do parapeito e o amplo *talude* de base, em Aveiro reforçado com *cunhais* nos ângulos fronteiros do baluarte.



Fig.^a 5 - Forte de Aveiro: Baluarte Sul (concluído c. 1802); flancos ocidental e Sul. Sobre o baluarte, uma guarita e a torre de sinais (1848), ainda em uso, ao serviço do Porto de Aveiro.

Porém, também o projecto de conclusão do Baluarte Sul seria interrompido. Com efeito, na sua frente Leste sobrevivem as arcadas de lançamento de um tramo de abóbada que nunca seria construído, constituindo o conjunto um motivo arquitectónico inesperado e particularmente pitoresco.



Fig.^a 6 - Forte de Aveiro: frente Leste do Baluarte Sul. Note-se o assoreamento e o alteamento da cota actual do sítio de implantação do Forte, assim tornado artificialmente atarracado. À esquerda, a pequena escada de acesso à plataforma superior do baluarte e à torre de sinais.

O Baluarte Norte e a cortina intermédia de um forte super-dimensionado (que nunca seria integralmente concluído, por desnecessário), foram parcialmente ocultos sob casas e estruturas de apoio às obras da Barra e, posteriormente, a estruturas ligadas ao

Porto de Aveiro e entidades afins. Porém, o flanco Norte manteve-se essencialmente no estado em que tinha ficado na sua fase original de construção, aquando da suspensão das obras, algures na segunda metade do século XVI, como pensamos.



Fig.^a 7 - Forte de Aveiro: flanco norte do Baluarte Norte, construído muito provavelmente na 2.^a metade do séc. XVI; nunca concluído.

A abertura definitiva da Barra artificial em 1808 permitiu o regresso do comércio marítimo, base da futura prosperidade de Aveiro, ainda hoje bem patente na opulenta arquitectura residencial da cidade, erguida a partir das últimas décadas do século XIX. Mas aquela abertura assinala também a perda de valor estratégico do Forte de Aveiro, enquanto aquartelamento militar. Com efeito, para lá de uma minúscula guarnição, as instalações do Forte vão ser progressivamente afectas a funções portuárias e alfandegárias, de armazenamento e de alojamento, instaladas inicialmente em barracões de madeira dispostos informalmente nos amplos espaços disponíveis. Em 1848 ergue-se uma imponente e belíssima *torre de sinais* sobre as abóbadas do Baluarte Sul, que para isso tiveram que ser parcialmente entulhadas com enchimentos resistentes. A torre chegou até nós e continua em uso com as suas funções de sempre. Mas os mais importantes edifícios, que estiveram em uso até 1993, enquanto residência do Director e dos funcionários da vizinha *Estação Salva Vidas de Aveiro*, deverão ter sido construídos nos fins do século XIX ou nas primeiras décadas do século XX. Profusamente fenestrados, não destoam de certas formas da arquitectura residencial urbana dessas décadas.



Fig.ª 8 - Forte de Aveiro: antiga residência do Director e do pessoal da delegação local da *Estação Salva-Vidas de Aveiro*.

O Forte de Aveiro, que se encontra classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto-Lei nº 735 de 21 de dezembro de 1974), chegou até nós praticamente abandonado. A sua longa e atribulada história, bem como um enquadramento paisagístico dos mais belos e impressionantes do Litoral Português impõem a sua recuperação competente para o desempenho de funções condignas com a beleza e o carisma do sítio - mas também com a qualidade arquitectónica deste magnífico mas ignorado complexo arquitectónico.



Fig.ª 9 - Forte de Aveiro: vista da Ria e da Barra, com o Farol do Porto de Aveiro e zonas circundantes

Para lá dos trabalhos arqueológicos indispensáveis e das demolições de corpos parasitas, uma equipa competente e inspirada de arquitectos e projectistas tem no Forte de Aveiro e edifícios contíguos um campo de trabalho particularmente exigente. Porém, como em poucos contextos históricos, o arquitecto dispõe aqui de uma liberdade de

intervenção ímpar, propiciatória de um restauro e de um projecto exemplares, visando a recuperação do magnífico Forte de Aveiro e o seu bom uso ao serviço de novas funções.